

Brasil conterá importações para manter

BRASÍLIA — O Brasil não quer ampliar muito suas importações no segundo semestre, para evitar a queda das reservas cambiais que vêm acumulando nos últimos meses. A informação foi confirmada ontem por Thomas Reichmann, Chefe da missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) que está em Brasília, negociando com as autoridades brasileiras as metas econômicas para o último trimestre.

Reichmann admitiu que, na opinião do Governo, o País conseguirá dos credores melhores condições de pagamento, em sua próxima rodada de negociações sobre a dívida externa, se tiver elevado nível de reservas cambiais.

As autoridades brasileiras argumentam também que será muito difícil para o Brasil repetir, em 1985, o bom desempenho que vem obtendo

em suas contas externas este ano. Isso porque a economia americana deverá se expandir em ritmo mais lento, no próximo ano, e os custos dos financiamentos às exportações brasileiras também deverão crescer com a privatização do crédito nesta área.

— Tudo isso é o que estamos ouvindo do Governo brasileiro — afirmou Reichmann.

O FMI, segundo ele, não tem ainda uma posição definida sobre o assunto, embora fontes do Governo ouvidas ontem tenham confirmado que partiu do fundo a iniciativa de sugerir a chamada queima de reservas internacionais para reduzir o impacto expansionista na área monetária, provocado pela acumulação de reservas, com os elevados superávits comerciais.

Ontem, Thomas Reichmann e Ana

Maria Jull, Chefe-Adjunta da Divisão do Atlântico do FMI, estiveram novamente com o Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, para discutir, segundo Reichmann, a renegociação da dívida brasileira com o Clube de Paris, o orçamento monetário e o balanço com José Teófilo de Oliveira, técnico do Instituto de Planejamento Econômico e Social (IPEA), do Ministério do Planejamento, para discutir a questão do déficit da Previdência Social.

O orçamento fiscal foi o principal tema do encontro de Thomas Reichmann com o Secretário-Geral da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega. Reichmann concordou com a previsão de que as transferências fiscais ao orçamento monetário, que somaram Cr\$ 3,8 trilhões no primeiro semestre, devem diminuir até o fim do ano.

RESERVAS